

Epistème e utopia: Pistas do horizonte¹

Noa Cykman²

A proposta da pesquisa é sondar a articulação entre práticas utópicas existentes e epistemologias alternativas ou emergentes. Assumindo uma transição paradigmática em curso nos campos societal e epistemológico, como indicam Boaventura de Sousa Santos (2011), Michel Maffesoli (2012), Eduardo Viveiros de Castro (2015) e outros, supõe-se a iminência de novas relações de saber-poder. A partir da crítica dos cânones epistemológicos do Iluminismo e da análise da falência do projeto moderno/colonial, dos quais os sintomas mais aparentes são a degradação do cenário social e ambiental, a intenção é desbancar a universalidade, atualizar a utopia, e atentar a experiências utópicas contemporâneas para suscitar epistèmes emergentes, e vice-versa.

A tradição moderna constituiu-se engendrando violências sistemáticas, por sua pretensão universalista e seus métodos colonialistas (DUSSEL, 1994; LANDER, 1997; MIGNOLO, 2003). Para o projeto moderno/colonial, razão e controle levariam à emancipação – a última etapa do progresso linear da história universal. Em unísono com a denúncia da colonialidade e da falsa universalidade desse projeto, refuta-se sua utopia, cujos meios são a opressão da diferença e táticas violentas de homogeneização. Sob a

¹ Trabalho apresentado no GT04: Perspectivas epistemológicas, vivências e outras racionalidades: implicações e desafios para o fazer científico contemporâneo, no II Congresso Epistemologias do Sul: Perspectivas Críticas, UNILA, 2017.

² Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: noacykman@gmail.com.

crítica, dispersam-se a narrativa racionalista e a epistème eurocêntrica, junto a suas aspirações emancipatórias e as fundações de seu conceito de emancipação.

Novas imagens do pensamento e da sociedade podem ser nutridas por narrativas alternativas, historicamente sufocadas, atualmente emergentes, potencialmente existentes. As vertentes pós-modernas e pós-coloniais das ciências humanas contribuem para a transmutação da crítica em invenção. A utopia retorna com novo significado: fermentações no momento presente; ações, em toda instância, que manifestam a crítica e a criação, a possibilidade de inventar múltiplos futuros.

Do tempo histórico típico da modernidade – linear, teleológico e universal –, que aloca a utopia da emancipação racional no ponto final do progresso, a pós-modernidade muda o foco para o presente insurgente, acolhendo a utopia na potência do agora. A ideia de utopia é atualizada por Santos (2001a; 2001b; 2011), Edson Sousa (2007) Fredric Jameson (1997), Adauto Novaes (2016) e outros. No presente, a utopia é a perspectiva de não conformismo e de invenção; instrumento para a invenção de futuros diferentes daquele que o sistema dominante propõe. Como tal, não é mais adiada: o mundo está repleto de experiências utópicas, insinuações plurais para novas dinâmicas sociais e epistemológicas.

John Holloway (2013) fala dessas práticas de autodeterminação e de disputa contra o sistema como fissuras; Hakim Bey (1991) conceitua Zonas Temporariamente Autônomas (TAZ, na sigla em inglês). Prolifera o vocabulário para falar dessas experiências que estão em vias de reinventar as formas de vida, as possibilidades de organização social e as imagens do pensamento. As utopias, as fissuras, as TAZ expressam múltiplas ideias nascentes, rebentos epistêmicos, novas interações sociais, diversos modos de produzir a vida, distintas dinâmicas de trabalho, uma miríade de alternativas às convenções herdadas: futuros infindos.

A fermentação de tais práticas requer, por parte da teoria, uma reconstrução das margens do conhecimento, visando mudar o privilégio do *locus* acadêmico e estender a legitimidade. Contestando o privilégio dado à ciência e à racionalidade, a partir da crítica ao projeto moderno/colonial, busca-se uma epistemologia aberta que possa abranger e refletir a diversidade de experiências e ensaios sociais empreendidos no mundo contemporâneo, inclusive aqueles historicamente sufocados ou ignorados pelas instituições tradicionais.

As produções epistemológicas pós-modernistas e pós-coloniais são mobilizadas para traçar novas vias de conhecimento, relacionadas a novas formas de sociabilidade, particularmente aquelas que subvertem convenções como hierarquia, autoridade, dinheiro e exploração (das pessoas e da natureza). Através da integração da análise epistemológica e da observação de experiências utópicas, de forma recursiva, parece possível articular tipos de conhecimento que possam ser tanto uma ressonância da utopia como uma contribuição para a sua construção plural.

Para investigar o encontro entre produções epistemológicas pós-modernas e pós-coloniais e práticas utópicas, realizou-se uma imersão em Encontros Rainbow, escolhidos como experiência utópica exemplar. Tais encontros são organizados em diversos países, inclusive no Brasil, de forma anárquica, livre e não comercial, por pessoas comprometidas com princípios de não violência, não hierarquia e comunhão com a natureza. Trata-se do encontro pelo encontro – para conviver, celebrar a vida, partilhar refeições coletivas, integrar-se ao ambiente, fazer música, dançar, rotacionar conhecimentos. Os Encontros duram um ciclo lunar (de uma lua nova à próxima) e se realizam mediante a assunção espontânea e a distribuição orgânica de funções a partir de decisões tomadas por consenso no Encontro precedente.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

A imersão no campo consistiu na participação em cinco Encontros Rainbow (Brasil, Itália/Eslovênia, Áustria, França e Israel, em 2016). A partir da ideia do método cartográfico, desenvolvida com base em Deleuze e Guatarri (1995) (ROLNIK, 1989; ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2009), buscou-se mapear processos e afetos do campo para tatear relações de saber-poder subjacentes. Nessa cartografia preliminar, foi possível ver relevarem-se, na paisagem, acidentes topográficos formados por elementos como coletivismo, autonomia, singularidade, responsabilidade, espiritualidade. Seguimos coletando pistas.

Referências:

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- BEY, Hakim. *Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Editora Conrad, 1991.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DUSSEL, Enrique. *1492: el encubrimiento del Otro*. La Paz: Plural Editores, 1994.
- ESCÓSSIA, Liliana; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DUSSEL, Enrique. *1492: el encubrimiento del Otro*. La Paz: Plural Editores, 1994.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013a.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.
- _____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2013b.
- GUBA, E. G. *The Paradigm Dialog*. Newbury Park; London; New Delhi: SAGE Publications, 1990.
- HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

- HOLLOWAY, John. *Fissurar o capitalismo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- _____. Modernidad, colonialidad y postmodernidad. *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, nº 4, octubre-diciembre, 1997.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MAFFESOLI, M. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: ed. Zouk, 2003.
- _____. *O Tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. *O método 3: O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MORUS, Tomás. *A Utopia*. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- NIETZSCHE, Friederich. *Gaia Ciência*. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2005.
- _____. *O Crepúsculo dos Ídolos*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2000.
- NOVAES, Adauto (org). *O novo espírito utópico*. São Paulo: edições SESC, 2016.
- ROLNIK, Sueli. *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Estação Liberdade: São Paulo, 1989.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. Habermas, Lyotard e a pós-modernidade. Em: *Revista Educação e Filosofia*, Uberlândia, jan/jun 1990, pp. 75-95.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº63, 2002a, p. 237-280.
- _____. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

SOUSA, Edson. *Uma invenção da utopia*. São Paulo: Lumme, 2007.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.